



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**A NOVA MULHER E OS LIMITES DAS REPRESENTAÇÕES  
FEMININAS NOS PÔSTERES DE PROPAGANDA SOVIÉTICOS (1918-  
1930)**

Thaiz Senna\*

O socialismo soviético foi um regime que se distinguia totalmente de seu anterior – a monarquia – e também de outras alternativas políticas desenvolvidas no mundo. No entanto, perdurou por quase um século. Assim, durante esse tempo, precisou não só apresentar as novas ideologias para seu povo, como também, convencê-lo delas – isso é, transformar a consciência das pessoas ou, minimamente, suas práticas. Podemos inferir como uma das estratégias mais definidoras desse processo a propaganda partidária. Em regiões em que grande parte da população era analfabeta – principalmente o público alvo a ser convencido - os cartazes tiveram grande centralidade, o que contribuiu para aperfeiçoamentos artísticos e político. Por sua vez, o modelo do pôster de propaganda soviético ter se tornado uma forma vitoriosa – reconhecida e amplamente reproduzida – diz algo daquela sociedade ao historiador. Assim, a partir dessa forma, que obteve sucesso, é possível perceber as convenções sociais consolidadas e legitimadas pelos receptores daquele estilo.

**História Cultural**

\* Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Nesse contexto em que os excluídos da História<sup>1</sup> transformam-se concomitantemente em público e representação, gostaríamos de investigar um sujeito que convergia duas exclusões – a mulher trabalhadora – e que na União Soviética foi compreendida teoricamente como metade da força motora que consolidaria a revolução – economicamente e socialmente. Para isso, porém, era necessário que a antiga mulher supersticiosa, religiosa, submissa, despolitizada, analfabeta, não comunista e muitas vezes dona-de-casa, virasse uma nova mulher – nos termos da militante Alexandra Kollontai, uma mulher celibatária<sup>2</sup>. Assim, uma parte significativa dos cartazes soviéticos se debruça sobre as questões femininas – ou melhor, consideradas, colocadas como femininas – a fim de despontar na massa de mulheres os ideais requeridos pelo novo sistema. Nesse ponto se dá para nós, então, uma formulação de Chartier<sup>3</sup>: a representação tenta fazer presente algo que está ausente. A partir disso, podemos formular a seguinte dedução: a mulher soviética não se apresenta de determinados modos específicos; o partido deseja que ela se apresente com tais modos específicos; logo, o partido evoca a imagem dessa mulher com tais modos específicos em sua propaganda visual.

Tal processo, porém, se apresenta de forma dialética. Com o teórico da literatura Wolfgang Iser, percebemos que há nos textos uma reformulação de uma realidade já formulada. A partir dessa reformulação, então, advém ao mundo algo antes inexistente: “a imagem possibilita também a representação de inovações que se constituem quando o saber previamente estabelecido é desmentido, ou seja, quando determinadas combinações de signos não são familiares”<sup>4</sup>. A mesma ideia pode também ser aplicada aos cartazes: esses eram baseados em construções simbólicas já pré-existentes, ainda que não hegemônicas na sociedade. Essas, vinculadas a outros elementos, são reformuladas e, a partir daí, temos uma inovação.

Podemos tomar como exemplo disso a citada necessidade do Partido Comunista de ter “novas mulheres”, próprias ao trabalho que não o doméstico e às movimentações políticas. Essa mulher celibatária não era, então, mero devaneio de Kollontai ou pura idealização do Partido Bolchevique. Tal era baseada em uma dada materialidade – não

<sup>1</sup> Como coloca Perrot (1987) em seu livro homônimo, operários, mulheres e prisioneiros estão à margem do processo de constituição enquanto sujeito histórico. Na União Soviética, havia, então, um objetivo declarado de reverter esse quadro.

<sup>2</sup> Kollontai: 1982

<sup>3</sup> Chartier: 2010

<sup>4</sup> ISER: 1999: 58-59

apenas sujeitos com as características designadas existiam na sociedade<sup>5</sup>, como, segundo tais teóricos, o capitalismo, ao colocar as mulheres no mercado de trabalho<sup>6</sup> abriu as portas para a possibilidade da emancipação feminina, que seria consolidada pela revolução. Porém, ao mesmo tempo, essa possibilidade não era uma materialidade experimentada massivamente em toda a sociedade. Assim, era necessário que houvesse o diálogo entre as formas, a fim de que o público pudesse se familiarizar com esse novo sistema de referências<sup>7</sup>, isso é, o novo horizonte de expectativas proposto pelas obras. Esse é um motivo, ao que constatamos, que colabora para o quadro de contradições presentes nas representações femininas diante das políticas partidárias e das outras formas de discurso que não as imagéticas.

Era essa mulher, então, a imagem a ser construída pelos cartazes que a expunham, em primeiro ou segundo plano<sup>8</sup>. Essa, como colocamos, não parece corresponder aos padrões vigente. Podemos expor como indício, primeiramente, o fato da “mulher celibatária” transgredir a dominação do homem na arte. Como afirma a historiadora Bonnet<sup>9</sup>, em sua análise sobre a questão do gênero sobre o tema, a arte sempre foi ditada pelos homens – era ele que decidia seus valores estéticos, modelos, padrões de excelência. Esses, então, eram apenas vistos pelos olhos do homem, sendo o lugar da mulher no mundo artístico sempre o de “ser observado”. Temos, ao contrário, representadas nos pôsteres em geral, mulheres que não estão em um lugar de objeto (sexual ou não, frequentemente marcados pela fragilidade e submissão – religiosa e patriarcal -, ocupando o espaço caseiro da domus), mas sim, de sujeito (agente, forte, possuidor de potência, ocupando o espaço público da ágora). Sujeito esse que seria equivalente, então, ao sujeito masculino, isso é, objetivava-se constituir a igualdade entre

<sup>5</sup> A “nova” e “antiga” mulher se davam em comitância na sociedade, ainda que a segunda fosse maioria, sendo parte do processo desigual e combinado presente naquela sociedade (para mais sobre a teoria, ver Novack:1998)

<sup>6</sup> KOLLONTAI: 1982

<sup>7</sup> Não estamos considerando aqui uma abordagem em que havia total consciência dos autores e personagens históricos responsáveis, ao produzir ou aprovar os materiais: acreditamos que é impossível controlar todos os critérios – inclusive ao historiador. Também esses, então, estavam dentro de suas próprias grades ideológicas – o lugar da criatividade é também ele historicamente condicionado. Porém, essas não eram, como se sabe, ao todo equivalentes às do público receptor, cujas ideias eram as mais historicamente difundidas no todo social e que os autores e responsáveis desejavam, conscientemente, modificar.

<sup>8</sup> Referimos-nos a quando os cartazes são específicos sobre campanhas para mulheres (nos quais apareciam apenas representações femininas, em geral) ou quando são campanhas gerais (nos quais apareciam representações femininas em conjunto com as masculinas)

<sup>9</sup> BONNET: 2008



os gêneros. Além disso, como veremos, não apenas havia mulheres produzindo tais cartazes, como todos os que tangiam sobre essa questão precisavam ser aprovadas por algumas delas. Tal transgressão foi possível pelos próprios objetivos de construir e representar uma mulher adentrada em uma ideologia distinta do legitimado (bem como o próprio sistema o era), convergida ao sucesso dos artistas e políticos de terem conseguido ultrapassar as barreiras do legítimo e, ainda, à legitimação dessas novas formas pelo seu público.

Tais representações acompanhavam, por sua vez, as políticas sociais nas questões colocadas como próprias das mulheres: instituição do divórcio direto e do casamento civil; criação de creches, refeitórios, enfermarias e lavanderias públicas, a fim de retirar das mulheres a responsabilidade pela dita escravidão doméstica; legalização do aborto; pensão alimentícia para ambos os sexos; igualdade de salário, de voto e de direitos entre os gêneros; e a abolição do status legal inferior das mulheres foram algumas das medidas tomadas pelo Partido Bolchevique, visando sua emancipação. Houve, ainda, em 1919, a criação de um departamento partidário que ficasse responsável pela promoção dessa, bem como de todas as “questões das mulheres”, o Zhenotdel – responsável, inclusive, por algumas das leis citadas, dada sua capacidade de pressão e argumentação. Aqui cabe fazer uma digressão, posto que tal seção significou alguma autonomia às mulheres e, inclusive, nos cartazes de propaganda.

Antes de ser criada a seção, havia duas seções menores que coordenavam a agitação e a propaganda, e outra, que coordenavam a organização e a instrução – voltadas para as mulheres, mas controladas normalmente pela direção partidária. Em 1919, com a criação do Zhenotdel, tais funções adentraram a esse. Assim, eram as diretoras do departamento, bem como as demais militantes e delegadas que definiam as linhas políticas a serem usadas, e coordenavam o processo – ainda que, como era uma seção subordinada ao Partido, devesse respeitar as linhas políticas gerais decididas pelo próprio<sup>10</sup>. Dessa forma, ainda que com limitações, tínhamos mulheres fazendo política para mulheres – seja para a captação dessas à causa comunista, para convencê-las de determinadas práticas, para apresentar novos mecanismos – sendo, então, as formas

<sup>10</sup> Válido expor que havia mulheres diretoras ou não do Zhenotdel (visto que apenas uma pessoa ocupava esse cargo por vez) que eram, concomitantemente ou em tempos diferentes, da direção do Partido. No entanto, esse número é ínfimo: até 1917, apenas uma mulher fez parte dos órgãos principais do Partido Comunista da União Soviética (Comitê central, Orgburo, Politburo, Secretariat) de 1918 a 1924 (STITES: 1978)

estéticas apresentadas pelos cartazes afins com tal gênero, tendo que ser, se não coordenados, minimamente, endossado pela seção feminina. A importância desse controle é, por fim, confirmada quando da própria dissolução do Zhenotdel. A mesma, que teve caráter cruamente político<sup>11</sup>, foi um sintoma das mudanças daquele período – e, também, da menor emancipação e liberdade que teria a mulher. Com o fim da seção, todas as funções, incluindo a da propaganda, voltaram ao controle do Partido, que continuou com sua minoria de mulheres na direção e na base<sup>12</sup>. Isso demonstra, portanto, a importância da propaganda e do trabalho com as mulheres para o poder partidário.

Assim, vemos que as inovações na forma tratar politicamente e representar a mulher, visando sua emancipação, retirada de suas funções tradicionais e igualdade dos gêneros se deram, principalmente, até o fim da década de 1920. Até esse período, governo stalinista ainda não estava extensamente consolidado, tampouco o realismo soviético (aprovado oficialmente apenas dois anos depois). Assim, determinados aspectos relacionados às mulheres – que, após tais fenômenos, estiveram explícitos na sociedade – ou não apareciam, ou eram colocados de outras formas. Essas formas mais implícitas ou eufemizadas são capazes de nos mostrar onde se davam os limites da representação da mulher como igual ao homem – isso é, até que ponto a igualdade de gênero poderia existir – pois, como colocamos anteriormente, houve aspectos que nem os cartazes nem as políticas conseguiram ultrapassar.

Esse é o motivo, então, pelo qual escolhemos a delimitação temporal de 1918 (ano marcado pela criação do Código do Casamento, Família e Tutela<sup>13</sup>, pelo Primeiro Congresso de Mulheres Trabalhadoras e Camponesas e pela maior atenção dada às questões das mulheres) até 1930 – ano que foi dissolvido o Zhenotdel e, assim, o setor de Agitação e Propaganda ficou novamente submetido ao poder da direção partidária e não das mulheres. O presente trabalho propõe-se, então, a investigar os limites da proposta de

<sup>11</sup> Dissolução imposta pela direção partidária, a causa declarada foi a de que a questão das mulheres já havia sido resolvida, e a emancipação, já havia sido conquistada. Para mais ver STITES: 1978; WOOD: 1997; CLEMENTS: 1982

<sup>12</sup> Até o ano de 1986, o PCUS tinha tido apenas 4,2% de mulheres do total de dirigentes e ainda constituíam apenas 30% do total de militantes (RULE:1996)

<sup>13</sup> Adotado em 16 de setembro de 1918 e escrito por Goikhbarg foi o primeiro código russo que dispunha sobre as questões da maternidade, infância e família, e outorgou algumas das leis citadas acima, segundo GOLDMAN: 2014

igualdade de gênero, por meio dos cartazes soviéticos que retratam as mulheres, suas funções sociais e suas relações para com os outros sujeitos.

Gostaríamos de a seguir, então, analisar os cartazes soviéticos a fim de tentar compreender, por um lado, a vitória de sua forma diante da recepção de seu público, - observando não só a relação dialética entre os lugares que o Partido Comunista designava como sendo próprios das mulheres, mas também, aquilo que era possível de se vislumbrar pelo seu público – ou, ainda, aquilo que não era, mas que foi transgredido pelos cartazes soviéticos. Esse público a que conseguimos chegar, no entanto, parece-nos ser o público idealizado e controlado pelos produtores da propaganda – mais do que o observador “real”. Temo assim um acesso a um tipo de representação muito controlado – tal é a natureza da propaganda – em seu próprio momento de apresentação. Buscamos nelas, assim, padrões e deslizes que nos parecem sinalizar as escolhas menos conscientes e carregadas de valores e juízos legítimos e ativos naquele momento histórico (muitas vezes, dão-se, inclusive, em contradição com a agenda consciente dos produtores). Por fim, entendemos, dessa forma, que os limites quanto à emancipação feminina, nas representações estudadas, podem ser consideradas, em algum grau, os limites da própria sociedade.

Para isso, usufruiremos de uma abordagem teórica interdisciplinar, já que o próprio objeto o pede: os cartazes, sendo peças compostas por imagem e texto (legenda, título) envolvem em si dada intertextualidade. Assim, procuramos auxílio em duas frentes - a literatura e a história da arte – de modo a verificar os limites da representação da mulher nessas peças de propaganda. Dessa forma, por um lado, temos em Iser um teórico da literatura comparada, que propõe uma abordagem a partir do “efeito estético”, e que com isso realça o papel ativo do leitor/receptor na formulação do sentido da obra. Por outro lado, temos em Bonnet e Pollock, discussões no campo do gênero que acabam por trazer à tona o quanto certos esquemas de representação universalizam e generalizam a preeminência do masculino – mesmo quando a autoria é feminina.

## ANÁLISE

Observamos primeiramente que, nos cartazes que tangiam sobre questões que não eram colocadas como próprias das mulheres, a mulher aparecia (ver imagem nº1). Esse é um primeiro ponto, que acreditamos ser transgressor. Isso porque, como coloca a



historiadora da arte Griselda Pollock<sup>14</sup>, era corrente nos países capitalistas em geral não compreender a mulher no lugar do trabalho, da vida pública, da cidade (locais que são representados abarcando as mulheres nos cartazes).

Esse passo tinha também uma relação dialética com as políticas que se davam no momento: os cartazes que convergiam representações concomitantes de homens e mulheres reafirmavam as políticas partidárias que buscavam a emancipação da classe como um todo, convergindo, então, com outros meios sociais nos quais as mesmas políticas estavam inscritas (discursos dos líderes em praças públicas, atividades de propaganda política) e também com a realidade material (mais mulheres aderindo ao mercado de trabalho em geral, o que as fazia minimamente se enxergar como trabalhadoras, se não como parte do proletariado junto ao homem, como objetivavam tais políticas). Porém, conforme acreditamos, havia outros aspectos desse tipo de esquema, que poderiam aprimorar essa aceitação. E eles dizem respeito justamente aos pontos os quais percebemos em que se davam os limites aceitos para o lugar feminino diante do masculino.

Em algumas obras, as figuras do homem e da mulher são representadas de forma conjunta, como trabalhadores a lutarem por uma mesma causa. Nesses casos, ao que percebemos, é comum a mulher ser retratada a partir de formas físicas menos robustas e mais próximas das representações femininas ocidentais. Também é comum nesse caso o homem possuir ferramentas maiores e, até mesmo, expressar postura mais larga, forte e, de certa forma, superior – é o que vemos, por exemplo, na imagem nº 1.

Em outras obras, por outro lado, essas figuras não se fazem mais necessárias<sup>15</sup> – a imagem mostrada da mulher é a imagem de independência quanto a esses. É o que vemos nas figuras nº 2, 3 e 4. Esses cartazes davam ênfase à figura feminina em algumas atividades específicas. Isso porque tais obras estavam dentro de uma campanha – como pela alfabetização (img. nº 2) ou as chamando para as cooperativas<sup>16</sup> (imagens nº 3 e 4),.

<sup>14</sup> POLLOCK: 2011

<sup>15</sup> Entendemos como uma exceção figuras dos líderes partidários – já no período leninista, com Lenin, e principalmente, no período stalinista, como vemos no cartaz de número 10. No entanto, essa é uma discussão a ser desenvolvida em outro trabalho, posto que envolve aspectos complexos outros, como o culto ao líder e a relação da imagem desses diante do povo.

<sup>16</sup> A União Pan-Russa de Cooperativas de Consumidores era uma instituição governamental (posto que tomada pelos bolcheviques após a revolução) que servia de alternativa às iniciativas privadas da área. O partido incentivou em muito o trabalho voluntário a ela, criando um “movimento cooperativo”.

Nessas obras, que tangiam a tais especificidades colocadas como próprias das mulheres, não faria sentido, portanto, colocar figuras de homens. O primeiro motivo para isso era porque o objetivo era que o público alvo, de forma emancipatória, participasse das atividades e práticas. Assim, não poderia haver um outro<sup>17</sup>, que historicamente a subordinou, presente. Isso pode ser comprovado, inclusive pelas disposições diferentes presentes nos cartazes específicos das causas colocadas como femininas – as mulheres são colocadas com os atributos que não se fazem presentes nelas nos cartazes gerais, atributos esses que, nesses, estavam presentes nos homens – é o caso, por exemplo, da força física, aspecto historicamente delegado ao homem, e presente explicitamente em cartazes como nas figuras nº3 e 4, no ato de levantar uma cesta aparentemente pesada de roupas e objetos e uma grande quantidade de palha, no mesmo movimento do levantamento de halteres; Essas atribuições estavam, ainda, relacionadas à própria representação física, em sua maioria. Como vemos em alguns cartazes, parte de um processo que se aprofunda até 1930, a mulher, para ser representada enquanto capaz, independente e, enfim, em pé de igualdade para com o homem, teve que ser representada fisicamente próxima às representações masculinas. É o que vemos por exemplo na imagem nº4. Não é o caso, devemos enfatizar, de uma confusão entre representações de gênero, o que pode ser visto pelas representações anteriores de homens trabalhadores, não apenas na URSS, mas na história. Podemos melhor entender essa contradição – de sozinhas serem representadas fortes, mas, ao lado dos homens, mais frágil e inferior – usufruindo novamente de Iser. Esse processo se deu de forma desigual e combinada (inclusive com diferenças nas mídias, como veremos a seguir). Tal fato ocorre porque não estava dada, naquele contexto, a possibilidade de se colocar a representação de uma mulher, com características que historicamente foram identificadas como masculinas, ao lado de outra representação, de um homem, com as mesmas características. Por conta da histórica alteridade, legitimada há centenas de anos, era necessário, para ambos caberem nesse quadro, que houvesse diferenças. Assim, entendemos que a força foi um dos

<sup>17</sup> A esse “outro” nos referimos apenas aos trabalhadores. Há cartazes que explicitam a opressão feminina como vemos em 11, mas não quanto aos homens trabalhadores comunistas – o que pode ser percebido não apenas pelos símbolos presentes na representação dos “patifes”, como as roupas, não caracterizadas como em geral se representava o operário, como também pela mão vermelha que os esmagará na “pinça da disciplina”. Visto que naquele momento, a política partidária dada era que ambos eram trabalhadores e deveriam lutar juntos, percebe-se que aquele que pratica a opressão não é caracterizado, então, como operário. Assim, nem só não se promovia a tensão entre ambos, como também não o expunha o conflito histórico nos cartazes – ficando esse, então, no lugar do não dito. É dessa forma, então, que consideramos, ao verificar os cartazes, que não seria possível, dadas as condições colocadas, tais representações nesse formato.



elementos que precisaram permanecer fora do “segundo sexo” diante do “homem”: não tendo sido educadas para exercer força, tampouco para entender tal característica como possível a si, o público feminino em geral teria, então, provavelmente maiores dificuldades em se identificar com aquela representação. Dessa forma, dialeticamente, preservou-se essa forma para que tal identificação pudesse acontecer.

Ainda, gostaríamos de fazer aqui uma relação com as representações femininas em outras mídias. Isso porque a forma como se construía a figura da mulher nos pôsteres não correspondia – e passou a se distanciar cada vez mais ao longo desse processo de “masculinização” – às representações, por exemplo, em pinturas e fotografias da época – nem as que emergiram da própria URSS, nos mesmos anos. É o que percebemos, por exemplo, em fotografias como a imagem número nº5, vemos duas militantes políticas – que são, à mesma época, parte da direção do Zhenotdel e líderes feministas: Alexandra Kollontai e Klara Zetkin. As mesmas trajam roupa social, adereços e traços que não versam com a rudeza. Lembrando que ambas eram parte do grupo que coordenava sobre os cartazes femininos – ainda que não tenha sido essas autoras da fotografia – o que essa diferença entre as representações em diferentes tipos de obra podem nos dizer? Acreditamos que um último par de fotos possa melhor elucidar uma reflexão sobre: ao lermos as imagens nº5 e 6, percebemos que as líderes mulheres (como Kollontai, na foto) eram representadas (pelos fotógrafos, que não representavam organizadamente a vanguarda feminista, como ocorria com os cartazes) de forma menos tempestuosa, forte, do que os líderes homens (como Lenin na imagem nº7 e em tantas outras fotografias). Isso significa, ao nosso ver, que a tentativa, nos cartazes, era de colocar as mulheres não apenas próximas fisicamente às representações masculinas (tanto historicamente quanto naquele presente), isso é, com menos adereços, com corpos mais robustos, mas também, com expressões corporais - expressões faciais mais sisudas, poses mais firmes e enérgicas, próximas às representações daqueles que haviam – historicamente e no contexto – sido preponderantes no papel político. Como vemos nesse ponto, apesar de retirar progressivamente a mulher do lugar de “objeto sexual” ou de “dona-de-casa” – como mostrado em fotografias de outros lugares – ou mesmo de matriarca respeitável, os cartazes soviéticos que giravam em torno das questões ditas femininas, acabaram por, nessa tentativa de igualdade de representações, aproximar as relativas ao gênero historicamente submisso das representações do homem – e não de uma neutralidade, como objetivava em alguns discursos.

O segundo motivo pelo qual faz sentido haver apenas figuras femininas representadas é porque, como eram campanhas colocadas como específicas a esse gênero, ao colocar homens, estar-se-ia, de certa forma, dividindo-se a responsabilidade de tal tarefa para com eles. É seguindo esse raciocínio que podemos perceber mais algumas contradições, sobre as quais tentaremos refletir.

Em um Estado que propunha libertar as mulheres dos trabalhos domésticos – como lavar roupa, cozinhar, limpar a casa e cuidar das crianças – era viável que o Estado tivesse ou a alternativa de pagar trabalhadores para fazer tais trabalhos que historicamente não são pagos, ou indicar a divisão do trabalho doméstico entre os familiares – fossem homens ou mulheres. A segunda alternativa nunca foi discutida (até onde se deram os resultados de nosso trabalho). Já a primeira, foi a implementada pelo PCUS. Esse criou cozinhas, refeitórios, lavanderias e creches públicas, a fim de retirar o jugo doméstico da mulher, tratando tais tarefas como trabalho. No entanto, não foi possível às condições mentais e culturais época dar a essa questão sua transformação profunda: os trabalhadores que exerciam tais tarefas nos locais públicos eram trabalhadoras, e as representações quanto às mesmas tarefas se deram apenas em cima da figura feminina. É o que vemos, por exemplo na imagem 3, na qual não apenas é uma mulher junto da filha<sup>18</sup> (e não a representação de um pai sozinho com a prole, elemento que se demonstrou deveras raro em nossa pesquisa), bem como ela leva uma série de materiais que parecem indicar o transporte para a lavagem de roupas; em 4, demonstrando a responsabilidade da mãe diante da alfabetização da criança (novamente, e não do pai); ou, até mesmo, no cartaz n°8, no qual temos uma representação de uma mãe cometendo o crime<sup>19</sup> de realizar o parto em casa, e sendo ela condenada pelo discurso do - não apenas pela parte textual, mas também pela consequência de seu ato - a doença, como se vê na diferença entre o quadro inferior direito e o esquerdo. Nesse caso, a responsabilidade do homem sobre o ato não aparece – todas as fases são realizadas pela figura feminina. O dever histórico –

<sup>18</sup> Válido notar que esse tipo de disposição é também muito frequente em outros tipos de representações, à época: é raríssimo, por exemplo, haver fotografias de família em que não é a mãe ou, ao menos, uma figura feminina segurando o bebê. Devemos dizer, ainda, que há algumas representações em cartazes, já do período stalinista avançado, em que o homem está com a criança – porém, isso se dava apenas em situações específicas, como quando a temática era o esporte.

<sup>19</sup> O aborto, legalizado por um decreto em 1922, deveria, por lei, ser feito apenas nos hospitais do Estado, que seriam qualificados para tal. Assim, colocava-se no lugar do criminoso todas as parteiras caseiras, e outros tipos de mulheres que exerciam funções de realizar o ato – incluindo a mulher em que seria feita a operação

legal ou moral – sobre as crianças, e sobre todas as tarefas domésticas, permanecia, ao contrário do que se propunha o partido, com as mulheres.

Os cartazes em que a figura feminina estava colocada eram, porém, apenas uma parte de um amplo todo. Além dos que tangiam às questões postas como femininas, havia os cartazes evocavam a completude da sociedade (como vimos num primeiro momento) – que delineavam como sujeitos pertencentes a essa, em diversos casos, homens e mulheres (em funções específicas relacionadas ao trabalho). Porém, nem sempre as mulheres eram contempladas nessa representação do “todo social”. Como vemos na imagem nº9 – em que representa trabalhadores de várias sociedades comunistas – muitas vezes o homem (principalmente o proletário) era usado como metonímia da sociedade. Mesmo diante das propostas e campanhas do governo para que as mulheres se transformassem em sujeito ativo, politicamente, socialmente, tal como é o homem ainda era legítimo que o sujeito “neutro”, “padrão”, representante do todo, ainda era representado por uma figura masculina – e não a mulher. Mais uma vez, podemos usar a tática de inverter para comprovar: seria corrente, em cartazes que evocam questões gerais, a figura da mulher, sozinha, representando a todos? Ao que percebemos, não. A tudo isso, podemos relacionar as grades conceituais e ideológicas em que se situavam os atores no contexto. O homem não se via representada na figura feminina, porém, as mulheres, estavam acostumadas a séculos do masculino representando o todo (imageticamente ou politicamente). Também na questão das tarefas domésticas isso se dava – tanto homens quanto mulheres estranhariam ver os primeiros realizando essas e cuidando das crianças (prova disso é, como colocamos, o fato de tais tarefas terem sido passadas para o domínio público, mas permanecendo a divisão sexual nesse trabalho).

Como se vê, muitas das questões que estão no lugar do óbvio na contemporaneidade – e muitas que ainda estão apenas em pautas feministas – não se davam como presentes no horizonte de expectativa daquele contexto. No entanto, podemos tomar os pôsteres soviéticos – principalmente os que foram produzidos sob a coordenação da Seção das Mulheres – como elemento ímpar. Embora tenham por diversas vezes reproduzido estereótipos e símbolos históricos de opressão, não somente para conseguir trazer as massas à vanguarda, mas, também, porque os próprios autores se encontravam presos em muitas das grades ideológicas, os pôsteres conseguiram apresentar traços e estratégias figurativas inéditas diante do contexto e, muitas vezes,



inimagináveis frente às regras daquela sociedade – o que possibilitou, muitas vezes, então, transgressões dessas pelos receptores.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONNET, Marie Jo. Résistances de “l’objet-dard”. Contestations des signes du masculin dans l’art du xxe siècle. Edição online, 2008. Disponível em [www.lrdp.fr](http://www.lrdp.fr)

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. Disponibilizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em: <http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/nocaoderepresentacao.pdf>

CLEMENTS, Barbara Evans. *Working-Class and Peasant Women in the Russian Revolution, 1917-1923*. Signs, vol.8, n°2, p.215-235. Chicago: University Chicago Press, 1982.

\_\_\_\_\_. *The Utopianism of the Zhenotdel*. Slavic Review Vol. 51, No. 3 (Autumn, 1992), pp. 485-496

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ISER, Wolfgang. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético vol.1. Editora 34: São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético vol.2. Editora 34: São Paulo, 1999.

GOLDMAN, Wendy. *Mulher, Estado e revolução*. Boitempo Editorial, 2014.

KOLLONTAI, Alexandra. "A nova mulher e a moral sexual." Global, 1982.

PERROT, Michelle; BRESCIANI, Stella. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Paz e Terra, 1988.

POLLOCK, G.A modernidade e os espaços da feminilidade in *Gênero, cultura visual e performance - Antologia Crítica* (org. Ana Gabriela Macedo; Francesa Rayner). Edições Minho: Famalicão, 2011

RULE, Wilma; NOONAN, Norma C. (Ed.). *Russian women in politics and society*. Greenwood Publishing Group, 1996, p.23

**ANEXO – LISTA DE IMAGENS CITADAS**

1.



[Sem título] Nikolai Kogout, 1920. "Nós destruímos o nosso inimigo com armas, vamos ganhar o pão com o trabalho - Camaradas, arregacemos as mangas para o trabalho".

Litografia. in Granger Collection/Alinari Archives.

Disponível em: [www.alinariarchives.it](http://www.alinariarchives.it)

2.



[Sem título] Kruglikova, Elizaveta, 1923. Parte superior: "Mulher aprender a ler e escrever!"

Parte inferior: "Oh, mamãe Se você fosse alfabetizado, você poderia me ajudar!" Disponível

em: <http://grievethisedu.tumblr.com/>

3.



[Sem título] Nivinsky, Ignaty, 1918. “Mulheres, vão às cooperativas!” Disponível em: [commons.wikimedia.org](https://commons.wikimedia.org)

4.



[Sem título] Autoria desconhecida, 1918. “A união central panrussa das associações de consumo. Mulheres, vão à cooperação”. Disponível em: [commons.wikimedia.org](https://commons.wikimedia.org)



5.



[Sem título] **Autoria desconhecida**, Rússia, 1910. Militantes Alexandra Kollontai e Klara Zetkin caminham. Disponível em: <http://rifondazione.be>

6.



[Sem título] **Autoria desconhecida**. Alexandra Kollontai discursando, década de 1920. Disponível em: <http://evictedart.tumblr.com/>

7.



[Sem, título] **Autoria desconhecida**, 1919. Lenin discursando na Praça Vermelha no Dia dos Trabalhadores. Disponível em: [historydoc.edu.ru](http://historydoc.edu.ru)

8.



[Sem título], **Autoria desconhecida**, [192-?]

Esq. Sup.: “Não consuma álcool. Não ganhe muito peso. Mude suas roupas frequentemente. Vá ao médico.”

Dir. Sup.: “Consiga enfermeira e médicos adequados. Diga não às parteiras!”

Esq. Inf.: “Tratamentos ruins por parteiras desqualificadas frequentemente causam mortes”

Dir. Inf.: “Conhecimento e limpeza são os guias para a saúde”

Disponível em: [digital.nls.uk/74506110](http://digital.nls.uk/74506110)

9.



[Sem título] Klutsis, G. 1933. “Viva o Mundial de Outubro!”. Disponível em: [theredlist.com](http://theredlist.com)

10.



[Sem título] Autoria desconhecida, 1951. “Obrigado, querido Stalin, por nossa infância feliz!”  
Disponível em: [rampages.us](http://rampages.us)

11.



[Sem título] Rotov, K. 1930. “Abaixo patifes que assediam mulheres!”  
Disponível em: [artoftherussias.wordpress.com](http://artoftherussias.wordpress.com)